

Diátese latino-americana

14.11.52 RAUL PILLA

QUE o caudilhismo seja uma diátese latino-americana, coisa é que ninguém pode razoavelmente negar. Mas que tal diátese encontra no presidencialismo uma condição particularmente favorável e, mais do que isto, a causa institucional da sua sobrevivência, também não comporta nenhuma dúvida séria.

Que é, com efeito, o caudilhismo? O poder pessoal levado à sua expressão mais completa. E que é o presidencialismo? A legitimação do poder pessoal nos quadros da república. Isto é o presidencialismo nesta convulsa América Latina, isto é ele nos Estados Unidos, onde o poder do presidente não se compara ao de nenhum monarca dos tempos modernos. Assim sendo, nada mais natural que, em vez de atenuar e corrigir a inata tendência dos povos ibéricos, o sistema presidencial a tenha mantido, dando-lhe até uma armadura constitucional.

Ora, em Cuba tentou-se, em verdade, combater a ingênita tendência caudilhesca mediante uma reforma das instituições políticas. Mas não quiseram ou não puderam fazê-la completa. Fazendo algumas concessões ao sistema parlamentar, conservaram, todavia, o que o presidencialismo tem de fundamental. O chefe do Estado continuou sendo eleito diretamente pelo povo, o que faz dele um capitão de bando, em vez de um magistrado; e continuou a ser chefe de governo, com a faculdade de nomear e demitir livremente os seus ministros, apenas restringida pela obrigação de os demitir, se, ao cabo de seis meses, contra eles se manifestasse o Congresso. E, em suma, o sistema presidencial, em que ao Poder Legislativo se concedesse um retardado direito de veto sobre a nomeação dos ministros. A essência do caudilhismo, que é o poder pessoal, não foi atingida pela reforma cubana. Continuou a ser o presidente o fulcro, em torno do qual se move todo o sistema político.

Isto pôsto, não admira o que sucedeu agora em Cuba. Era previsível, dada a permanência das tradições caudilhescas, não mortas e nem, sequer, amortecidas pela reforma. Faltando três meses para as eleições presidenciais, o general Fulgêncio Batista, que era candidato, julgou mais seguro conquistar o poder pela força, do que pelo voto. Uma coisa destas poderia acontecer, na América Latina, com qualquer regime; mas o presidencialismo, clássico ou atenuado, é o que, em Patologia Geral, se denomina causa predisponente. A renovação do poder importa sempre uma crise: crise sumamente perigosa nos países de ascendência ibérica; crise atenuada, meramente política, nos mesmos Estados Unidos, onde a vida da Nação como que se suspende.